

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

Rua Tupi, 397 – 10º - 104

01233-001 São Paulo, SP, Br

Telefax: 55 11 36.61.65.19

E-mail: psicopatologiafundamental@uol.com.br

Portal: www.fundamentalpsychopathology.org

VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental

XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental

Argumento

O tema deste VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental – *A questão da qualidade no método clínico* – revela um problema inicial: qual é a *questão*?

A resposta a esse problema requer diversos pontos de vista partindo do lugar do pensar no método clínico.

Colocado dessa forma, o lugar do pensar pode não mais existir e o problema assim posto pode ser um falso problema, pois o método clínico pode ser visto como uma técnica que dispensa o pensar. Atualmente, acredita-se que o humano deixou de pensar, dedicando-se à técnica, ao fazer. O pensar é, em si, um problema. Haveria, no mundo de hoje, um lugar para o pensar? Do que se trata quando procuramos um lugar para o pensar? Segundo Platão, em *Menôn*, trata-se de um lugar para a rememoração, para a manifestação do sonho, no sentido grego antigo dessa palavra.

O que levou um filósofo com a grandeza de Martin Heidegger a se retirar da Universidade e recolher-se na serenidade de uma cabana, na floresta, para pensar o ser, o tempo, a verdade, a linguagem e o próprio pensar? Pensar requer serenidade. Mas esta não se encontra só na floresta, ou melhor, talvez cada um deva carregar consigo sua própria floresta e sua cabana para poder pensar.

O ato de Heidegger sugere que a Universidade não é um bom lugar para o pensar. Falta a ela, frequentemente, serenidade. A Universidade é uma instituição criada para o ensino, a pesquisa e a extensão, ou seja, para a inovação e a transmissão cultural e essas atividades não garantem um lugar para o pensar. A Universidade sempre foi e está cada vez mais comprometida com a técnica.

Quando se visita a biblioteca da Universidade de Bologna, na Itália, criada em 1088, nota-se, pendurados em suas paredes, muitos retratos de ex-alunos. Eles possuem uma característica comum: são todos santos da Igreja Católica.

Os primeiros alunos de Bologna se destacam por uma qualidade que demarca a Universidade: o fazer bem-feito. Mas, isso não significa pensar.

Nem sempre, o fazer bem-feito refere-se ao pensar, ainda que o fazer bem-feito possa ser um requisito do pensar. O fazer bem-feito, nesse caso, seria uma disposição para a rememoração, para a visita do sonho, como nos lembra Dodds em *Os gregos e o irracional*. A Universidade contemporânea valoriza a quantidade da produção técnica. Esta também se refere ao fazer bem-feito. Aí o pensar deixou de ser importante e tornou-se irrelevante porque considerado inútil do ponto de vista da técnica. Na técnica não há lugar para o sonho no fazer bem-feito. Além disso, a técnica está voltada para a comunicação. Enquanto a comunicação enriquecer inventores, a Universidade valorizará projetos voltados para essa área.

Voltemo-nos, entretanto, para a pergunta já feita. O que fez Freud se afastar do Hospital e da Universidade e criar um dispositivo onde poderia se dedicar à Psicanálise como uma psicoterapia e um método de investigação? Ao definir sua disciplina, Freud cria um lugar para o pensar. O pensar é o caminho em direção à linguagem. Trata-se, portanto, de um método: o caminho do pensar a linguagem e seu limite, o indizível. Mas, a história confirma, o instituto de formação não é, como a Universidade, necessariamente, um lugar para o pensar. Ele tende a se transformar num dispositivo técnico.

Quando esses dispositivos institucionais se tornam técnicos, a linguagem é esquecida, ou seja, não há lugar para a busca pela verdade, entendida como aquilo que se descobre na linguagem, e que contém uma violência, como quer Foucault. Não há, assim, um lugar para o pensar a própria linguagem. Para busca-la é preciso sair desses dispositivos, como nos ensina Andreas Vesalius de Bruxelas, o inventor da anatomia, que largou a Universidade de Paris, regida pela cátedra, em cerca 1530, e se dirigiu aos ossários da cidade.

O método clínico depende de uma noção radical do outro. O outro, aquele que atormenta por ser enigmático e obscuro, o que é indizível e nos coloca à beira do abismo, como quer Plínio Prado, solicita o lugar para o pensar. Ele não pode ser, entretanto, só o lugar da hospitalidade que contém a hostilidade, como propõe Derrida. Neste caso, o bem-feito, contrário ao da técnica, implica numa disposição a se expor ao desconhecido, ao enigmático, ao obscuro e, no limite, ao indizível, isto é, expor-se a um caminho arriscado: o caminho em direção a uma linguagem da relação *pática*.

O caminho a ser percorrido para se estabelecer uma relação com o outro depende essencialmente de um ponto de partida, do lugar denominado *Khôra* por Platão em *Timeu*. Sem a marca de *pathos*, o *logos* não se realiza e a clínica torna-se uma técnica, um discurso sem outro. Escrever a clínica, como ocorreu com Freud, faz parte essencial do caminho em direção à linguagem clínica.

O lugar da clínica não é o da Universidade. Como articular, então, o lugar restrito da Universidade voltada para a reprodução quantitativa de qualidade com o lugar da clínica que mesmo sendo urgente, não é restrito?

Além disso, quais as exigências do caminho da linguagem clínica? Elas não são técnicas nem restritas, ou melhor, elas devem se afastar da técnica, restrita

por sua própria natureza. Mas, tal afastamento requer o bem-feito. A linguagem não é só o que se diz. É o que se diz com qualidade. O único prêmio ganho por Freud refere-se à qualidade da escrita. A linguagem clínica requer um estilo, ou seja, um modo *clínico* de se exprimir. O estilo deve ter qualidade: ser claro ou inteligível, ser exato na sua ambiguidade, ser fluído e lúcido. Mas, principalmente, permitir e até estimular o pensar. A Universidade poderia ser um lugar onde esse caminho iniciado na terapia permitiria o caminhar em direção à linguagem clínica? É possível ensinar a escrever a clínica?

Esses são alguns dos pontos de vista da questão que fizeram a *Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF)* convocar o VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental e convidar a participação dos interessados. Ele ocorrerá em João Pessoa, no Hotel Tambaú, de 8 a 11 de setembro de 2016.